



INFORMA

Contato: 11 995.131.411

www.saopauloabpp.com.br • saopaulo@saopauloabpp.com.br Ano 9 • Nº 19 • Novembro 2012

EDITORIAL

... "Para ganhar um ano novo que mereça este nome, você, meu caro, tem de merecê-lo, tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil, mas tente, experimente, consciente. É dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre". (Carlos Drummond de Andrade)

É tempo de fazer um balanço do caminho percorrido durante esse ano de 2012 e apontar para as direções do próximo que está por vir.

Neste balanço, contemplamos as ações realizadas, as conquistas alcançadas, e as parcerias estabelecidas.

Realizamos pequenos e grandes eventos, nas modalidades "Roda de Conversa" e Palestras, com temas de caráter reflexivo e formativo.

Conquistamos a visibilidade no Estado de São Paulo. O reconhecimento disto está expresso na adesão constante de novos associados, no acesso ao site e no número de emails que atualmente recebemos.

Estivemos na zonas Norte, Leste e no ABC estabelecendo importantes parcerias com Universidades, o que garantiu a eficácia do projeto ABPP – **SEÇÃO SÃO PAULO** na Universidade.

Demos continuidade ao desenvolvimento do projeto ABPP – SP vai à Escola finalizando o trabalho iniciado no primeiro semestre deste ano no Centro de Educação Infantil do Centro Educacional Unificado - CEU-Paz, na Zona Norte da capital e, apresentamos nossa proposta para outras escolas públicas com vistas à 2013.

Realizamos também a Assembleia Geral Extraordinária para a aprovação da adequação do Estatuto Social da Seção.

Cumprimos outra meta do nosso Plano Diretor: criamos o Catálogo de Psicopedagogos Associados à **SEÇÃO SÃO PAULO** que, além de estar publicado em nosso site, foi gravado em mini DVD e será distribuído aos associados, às escolas, aos coordenadores de curso de Psicopedagogia e profissionais de áreas afins.

Acreditamos que os detalhes e, não somente grandes projetos, fazem a diferença e, neste sentido, mantivemos a preocupação com a humanização e personificação no relacionamento com nossos associados. A comunicação virtual tem dado certo: os elogios, os cumprimentos e esclarecimentos, algumas reclamações e as novas associações são resolvidas basicamente por emails. Firmamos importante parceria com o iS – Instituto Singularidades na elaboração e organização de um curso de extensão universitária com 100hs de duração e, com encontros mensais.

Psicopedagogia - contribuições e perspectivas é o nome do curso que teve seu início em 19 de outubro.

Nesta edição temos artigos e relatos pertinentes à Psicopedagogia, indicação de livros e recomendação de filme.

Apresentamos a agenda cultural do primeiro semestre de 2013.

Certa vez, ouvi algo como "unidos nos tornamos fortes para realizar as nossas metas" e hoje, tenho a certeza de que essa história só é possível de ser contada graças à união da diretoria executiva.

É com alegria que compartilhamos com VOCÊ o saldo positivo deste balanço, convidando-os a acessar nosso site que está sendo reformulado e vai ficar de cara nova.

O ano vindouro está sendo aguardado e planejado com muito entusiasmo, pois comemoraremos 10 anos de existência. Desejamos que ele possa trazer saúde, a realização de novos projetos e que sejamos merecedores dele.

Assino este editorial em nome da diretoria da ABPP **SEÇÃO SÃO PAULO** desejando, a todos os leitores, feliz Ano Novo!

Maria Cristina Natel
Diretora Presidente da **ABPP SP**

9 anos da ABPP SEÇÃO SÃO PAULO

Comemore a nova parceria entre a

ABPP SP e o Instituto Singularidades iS!

CURSO DE EXTENSÃO EM PSICOPEDAGOGIA

Com o objetivo de subsidiar teórica, e metodologicamente profissionais da área da educação para realizar intervenção e assessoria psicopedagógica no âmbito da instituição. Acessem <http://www.faculdadesingularidades.edu.br>

PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE!

www.saopauloabpp.com.br

contato: 11 995.131.411

Facebook: Associação Brasileira de Psicopedagogia SEÇÃO SÃO PAULO

**PROGRAME-SE!
AGENDA CULTURAL
1º semestre de 2013**

**LER E ESCREVER EM UMA SOCIEDADE DIGITAL E
GLOBALIZADA: desafios à prática docente**

Nossa proposta de eventos para 2013, dessa vez, tem outro formato: **DIFERENTES LEITURAS SOBRE UMA MESMA TEMÁTICA.**

Está previsto para acontecer nos meses de março, abril e junho, 3 (três) encontros nas modalidades RODA DE CONVERSA, SEMINÁRIO E PALESTRA.

Para garantir a abrangência das discussões sobre o tema, teremos profissionais de áreas distintas e complementares, como a EDUCAÇÃO, PSICOPEDAGOGIA, PSICOLOGIA e a NEUROPSICOLOGIA.

Nossa intenção nesse período é continuar discutindo as questões relacionadas à aprendizagem, porém destacando os aspectos pertinentes à escrita e à leitura, no âmbito de uma sociedade cada vez mais tecnológica e globalizada.

Por considerar como evento a realização da banca para legitimar e reconhecer profissionais qualificados como associado titular, este momento faz parte desta programação.

MARÇO – RODA DE CONVERSA

INCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL – COMO A PSICOPEDAGOGIA PODE CONTRIBUIR?

ABRIL – VI SEMINÁRIO

A PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DIGITAL E GLOBALIZADA.

MAIO – BANCA DE TITULARIDADE

JUNHO – PALESTRA

LETRAMENTO DIGITAL

ANOTE EM SUA AGENDA!

Ivanilda Moura Santos

Diretora Cultural da ABPp SP

DIRETORIA FINANCEIRA em 2012

A ampliação das parcerias neste semestre, proporcionou a realização de eventos que contemplaram o nosso associado (e também ao não associado), com a gratuidade de participação, o que é um diferencial importante. Nosso propósito de compartilhar e difundir conhecimento neste ano foi alcançado.

Recebemos também com alegria novos associados que reconheceram o trabalho personalizado realizado pela Seção.

Mantivemos o nosso compromisso com a qualidade no atendimento, e nos preocupamos em melhorar cada vez mais esta relação com o nosso associado, por isso estamos investindo na modernização do site, bem como na inserção do Catálogo dos Profissionais da Psicopedagogia na nossa *homepage*.

Helena B. Silva

Diretora Financeira ABPp SP

ARTIGO

QUESTÕES SOBRE A APRENDIZAGEM E A NEUROPSICOLOGIA

“COGITO ERGO SUM”

Descartes

Falar sobre o aprender sempre foi uma das questões que conduziram a existência humana, afinal, por que essa capacidade desenvolveu-se tanto no ser humano e fez dele o suposto senhor do conhecimento? Durante toda a história, procurou-se saber do que se tratava essa habilidade que fazia com que o homem reconhecesse a si, ao outro e ao ambiente que habita. Conhecer e poder compreender que conhecer é uma das observações mais inquietantes do pensamento, o que se aprende e como se aprende, ou se realmente, aprende-se o que se pensa aprendido (joga-se com as palavras, como joga-se com o mundo), processar as sensações e fazer com que elas tenham sentido, transformam-se em palavras e como elas constroem o mundo. O aprender se insere entre a Academia de Platão, onde o mundo já está pronto, mas a percepção do homem se estabelece na sua necessidade e o Liceu de Aristóteles, onde a organização do mundo é criada pelo próprio homem.

A aprendizagem se dá a partir do momento em que o homem está no mundo, pois só sua percepção determina a existência de uma possibilidade de compreensão de si mesmo, a aprendizagem acontece pelo aparelho proprioceptivo, ou seja, através de todos os canais corporais em contato com o ambiente, todo o corpo apreende e mais do que isso, transforma; no entanto, ao longo desse percurso, algumas habilidades foram sendo aprimoradas e valorizadas, para se compreender o que se aprende, há a escrita que fez com que o pensamento pudesse ser estendido e formalizado e, mais do que isso, medido e avaliado. Para que todo esse processo existisse foram necessários milênios de construções diárias dessa percepção, estar em um momento onde se pode transmitir o que foi acumulado durante todo esse tempo de procura, faz refletir como essa aprendizagem se estrutura.

O homem busca com isso compreender os mecanismos que dão existência e significado ao que se chama de aprender, a evolução dos sistemas tecnológicos tentou traduzir, dentro do que se pensou possível, todos os conceitos sobre o conhecimento, e como os seres humanos se valiam desse substrato biológico, de interpretação do mundo. O aparecimento dos mecanismos de respostas produzidos, ou melhor, reproduzidos pela tecnologia, foi confundido com a possibilidade da reprodução do modelo humano do aprender, e com a compreensão do que seria a atenção. A atenção como possibilidade humana de representação da factualidade, é algo de tanta complexidade que não há reprodução possível, partindo de aparatos binários (como o computador). A grande questão em relação ao construto da atenção é de como suas características podem ser conhecidas, avaliadas e trabalhadas em situações diversas, já que estudos das Neurociências (KANDEL, 2000), demonstram que não há a "não atenção", pois isso seria impossível no nosso aparato neural, mas formas de atenção não organizadas para o estímulo desejado; em se tratando de situações dentro da chamada normalidade.

Na composição escolar, a necessidade da decodificação para a formalização do conhecimento, faz do trabalho com a atenção uma constante necessária, a organização do signo para a generalização da avaliação cognitiva, traz a questão do domínio da linguagem, que num circuito eterno se realiza nas relações atencionais, Luria (1992), mostra que a tarefa de escrever uma determinada palavra, seja independentemente, seja a partir de um ditado, principia um processo de análise de sua composição fonética; onde as estruturas que compõem a atenção e suas derivadas são determinantes para que o processo se realize; ou seja, a atividade da escrita começa por fragmentar a corrente sonora da fala em seus fonemas individuais (LURIA, 1992), quando esse processo não se dá em um modelo de linguagem como a ideográfica chinesa, o modelo da atenção se dá neurologicamente de maneira muito mais complexa, pois o código ocidental não elabora diretamente o sentido do núcleo fonético trabalhado. Diferenciar o conteúdo do conceito, ou seja, elaborar sentido para um conjunto homogêneo (o alfabeto), onde a elaboração do signo é utilizada de maneira ampla, exige um modelo de atenção que no contexto escolar ocidental pressupõe um exercício da oralidade, já mais estruturada e de maneira formal que poderia ser executada ao longo das duas primeiras séries do ensino fundamental, que é menosprezada, em função de vários fatores escolares e sociais; como resultado disso, fomentam-se dificuldades variadas, diagnósticos parciais e uma maior frustração de alunos e professores a partir dos resultados obtidos, faz-se necessário que a atenção seja mais entendida e como tratar de todos esses aspectos para uma melhora do ambiente escolar e da aprendizagem.

A atenção é um processo neural, involuntário, depende da formação das redes neurais apropriadas, a partir, de estímulos coerentes do ambiente, não é determinada por um único estímulo, podendo se estabelecer de várias formas, que podem ser conhecidos pela escola e facilitar todos os modelos de aprendizagem, minimizando o sofrimento sentido pelas crianças e professores.

MARIA AMBROSINA DA COSTA

Psicóloga e Neuropsicóloga

marianina59@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KANDEL, Eric. Fundamentos da Neurociência e do Comportamento. Editora Guanabara – Koogan. Rio de Janeiro/RJ. 2000

LURIA, Aleksander. A Construção da Mente. Editora Ícone. São Paulo/SP. 1992

Neste espaço divulgamos autores novos em Psicopedagogia. Artigos, estudos, relatos de experiência poderão ser selecionados, inclusive de alunos de Psicopedagogia. Aproveitem a leitura!

LÁPIS E PAPEL, PARA QUÊ? Um olhar psicopedagógico para o processo da alfabetização

(O relato da experiência de uma coordenadora pedagógica)

São constantes, na escola, as discussões sobre a alfabetização de crianças no início do Ensino Fundamental e as dificuldades dos alunos que não atingem essa expectativa no tempo definido (pela própria escola) como correto. Esses foram bons motivos para que um projeto denominado "Bichodário" fosse apresentado a um grupo de Professores Coordenadores da rede estadual de ensino de São Paulo, como estratégia para auxiliar no avanço de alunos ainda não alfabetizados indicados nos mapas de sondagem diagnóstica de leitura e escrita.

As dúvidas foram muitas e de certa forma uma desconfiança rondava os encontros e rodas de conversa que tínhamos durante os intervalos da formação. Enfim, não podíamos criticar sem tentar e então levamos a proposta às escolas, muitos diretores e até mesmo professores foram extremamente resistentes e alguns deles impediram a aplicação do projeto.

Na escola em que atuo como Professora Coordenadora Pedagógica, a EE Prof. Edson Luiz Ribeiro Luzia, eu verificava dois grandes desafios: encontrar professores alfabetizadores dispostos a abandonar a ideia de um trabalho alfabetizador apenas com o uso de lápis e papel, e o segundo e mais difícil, convencer uma diretora de linha pedagógica tradicional, que um projeto chamado "Bichodário" faria as crianças aprenderem a ler e escrever. Nenhuma das tarefas foi muito simples, mas obtive sucesso nas duas e a partir daí demos início à organização dos horários de aulas dos alunos não alfabetizados, que de duas a três vezes por semana iriam se reunir para uma aula diferente, sem dois dos instrumentos mais utilizados em qualquer sala de aula: o lápis e o papel.

Antes da efetiva realização do trabalho, foi preciso reagrupar os alunos segundo as hipóteses de escrita, definidas por Emília Ferreira como pré-silábica, silábica sem valor sonoro, silábica com valor sonoro e silábico-alfabética, além de reformular os horários de aula e encontrar espaços para a sua realização e isso nos tomou bastante tempo, mas finalmente conseguimos nos ajustar e o projeto foi colocado em prática. No início, eu e todos os envolvidos ainda demonstrávamos muita desconfiança, mas não desistimos, fomos adiante e, em meio a erros e acertos, nos ajustamos e nos adaptamos a uma nova forma de auxiliar na alfabetização das crianças.

O projeto consiste em uma atividade de comunicação oral, chamada atividade de auditório, onde o professor proporciona momentos de reflexão sobre o sistema alfabético de escrita e cria espaço para que cada criança, independentemente da fase de escrita e leitura que está, possa contribuir para a construção de uma palavra indicada pelo professor.

Nas primeiras aulas define-se uma lista de palavras que serão escritas durante o processo, todas de um mesmo campo semântico, garantindo que a maior parte das letras do alfabeto apareça como letra inicial. Para a escrita o professor necessariamente solicita que as crianças escrevam a palavra na lousa, do melhor jeito que conseguirem, de forma que um complemento a escrita do outro ou arrisque uma nova forma de escrever a mesma palavra. É indispensável que o professor saiba quais são as hipóteses dos alunos, pois o desafio está na necessidade de que os alunos com menos conhecimento sobre a língua iniciem a escrita, até que aquele mais experiente possa escrever. A escrita encerra-se quando a turma decide que a escrita "está boa", e não correta e sem dúvidas. Esse era um dos nossos maiores desafios, controlar a ansiedade pelo acerto e aceitar que uma palavra ficaria ortograficamente "errada", até que os próprios alunos tivessem uma sugestão melhor para a sua escrita.

O processo chegou ao fim, e gratas foram às surpresas, as crianças haviam avançado em suas hipóteses de escrita e o nosso objetivo havia sido alcançado. Os resultados nos encorajaram a continuar o projeto no ano de 2012 e aqui a história muda um pouquinho.

Enquanto coordenadora, acompanhei de perto todo o processo e meu olhar limitava-se a alcançar uma meta: a alfabetização de 100% dos alunos do 2º ano. Essa era a grande tarefa, pois ali se concentrava o nosso problema quanto aos alunos não alfabetizados. Mas, no início deste ano ingressei no curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional e isso mudou completamente o meu olhar. É claro que o desejo de avançar numericamente continuou a fazer parte de meus objetivos, porém mais do que qualquer outra coisa percebi o quanto as crianças agora eram verdadeiramente consideradas e como suas dificuldades poderiam ser melhor detectadas e trabalhadas.

Outro fator interessante está ligado à aprendizagem das professoras que abraçaram a proposta, os estudos, as discussões, os erros e acertos de quem não conhecia o método, mas se dispuseram a aprender e tentar. Isso mudou a prática não apenas delas, mas de toda equipe docente e gestora, pois o sucesso do trabalho foi constatado nos números e resultados apresentados ao final do ano letivo.

Foi possível perceber que as crianças estabeleceram um novo vínculo com a aprendizagem da língua. O uso das letras passou a fazer sentido e escrever tinha de fato um significado, afinal eles eram responsáveis pela produção de um livro de bichos para os alunos do 1º ano e esta tarefa eles não poderiam e nem queriam deixar de cumprir.

Com certeza, essas crianças reestabeleceram vínculos com a aprendizagem e com os objetos escolares, conforme trata Weiss (2009), e a cada encontro isso se tornava mais observável. Não foi tarefa fácil e tal transformação dependeu de mudanças, não apenas estratégicas, mas também e principalmente, de posturas, de quebra de paradigmas.

Enquanto Coordenadora Pedagógica, percebo como a escola precisa rever seu papel e até mesmo sua funcionalidade, refletir se de fato tem atingido seus objetivos e, vou além, é necessário repensar e redefinir quais são os seus objetivos, onde se deseja chegar e que papel deve desempenhar na vida não apenas de alunos com dificuldades escolares, mas na vida de todos os indivíduos que por ela passam. É preciso dar significado à aprendizagem, e identificar aquelas apenas não encontradas dentro do "pacotinho fechado" estabelecido pelo sistema educacional.

Daniela Bruno Pinheiro

daniexata@yahoo.com.br

Professora Coordenadora da Rede pública estadual de Educação do Estado de São Paulo e estudante do 2º semestre do curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Cidade de São Paulo, UNICID

Referências bibliográficas

FERREIRO, Emilia; **TEBEROSKY**, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284 p.

WEISS, Maria Lucia Lemme e Alba Maria Lemes. *Vencendo as dificuldades de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2009.

ACONTECEU

O segundo semestre de 2012 foi marcado pelas parcerias da ABPp SEÇÃO SÃO PAULO com a Universidade Cruzeiro do Sul e com a Faculdade Anhanguera de São Caetano do Sul.

No dia 29 de setembro, uma plateia atenta do curso de Psicopedagogia, da Universidade Cruzeiro do Sul, participou da palestra que teve como tema: "Uma compreensão acerca do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: nem toda desatenção e inquietação é TDAH". Denise da Cruz Gouveia, Ivania Pantorotto de Britto e Patrícia Vieira trouxeram suas visões teóricas e suas experiências. No final deste painel, foi realizada a Assembleia Geral da ABPp SEÇÃO SÃO PAULO, com o objetivo de votar atualizações no Estatuto da associação. O resultado deste evento pode ser conferido no nosso site:

www.saopauloabpp.com.br/estatuto

No dia 16 de outubro foi a vez de Maria Cristina Natel compartilhar seu saber com um grande grupo, de quase cento e cinquenta estudantes, do curso de Pedagogia e de Psicopedagogia da Faculdade Anhanguera. Com o tema: "Contribuições da Psicopedagogia para a Pedagogia", nossa Diretora-Presidente abordou questões relevantes para a compreensão da interface entre estas duas áreas de estudo, tão significativas na área da Educação. Este evento foi motivo de reportagem do jornal ABC Repórter, do dia 15 de outubro, que destacou a importância da presença da representante da ABPp SP nesta palestra.

Sandra Lia Nisterhofen Santilli

Diretora Vice-Presidente da ABPp SP

PROJETO SOCIAL

Projeto ABPp SEÇÃO SÃO PAULO vai à escola

A **ABPp - SEÇÃO SÃO PAULO** em suas atividades do projeto social esteve novamente no Centro de Educação Infantil do Centro Educacional Unificado - CEU-Paz, na Zona Norte da capital, para dar continuidade aos trabalhos iniciados no primeiro semestre com as professoras dessa instituição.

Atendendo à demanda de que há pouca clareza da ação docente com crianças de zero a três anos, definimos nossa atuação em duas etapas: em um primeiro momento foi feito o levantamento da concepção de ensino e de aprendizagem do grupo com a aplicação da prova do Par Educativo e posteriormente uma discussão reflexiva acerca da ação docente, tendo como tema gerador "Os desafios docentes para uma educação de qualidade na Educação Infantil de crianças de zero a três anos: ações de cuidado, e/ou ações educativas"?

Com graduação em Pedagogia e Letras, pós-graduação em Psicopedagogia e Gestão Escolar, as professoras com idade entre 24 e 55 anos, analisaram os próprios desenhos, compartilharam impressões e puderam concluir que o ensinar e o aprender "não necessariamente acontece na escola"; envolve "interação, troca, e concepção aberta, coletividade, compartilhamento".

Ficando definido que creche é um espaço de brincar para aprender, duas consignas foram apresentadas: O que se aprende? Qual o papel do educador?

O que se aprende é "conviver com os outros; interagir por meio de jogos e brincadeiras; conhecer regras e limites e também conceitos básicos de cor, forma, princípios matemáticos, lateralidade, conceitos de espaço e tempo e esquema corporal; higiene e cuidados; ritmo e musicalidade; linguagem e ampliação da visão de mundo".

Para esse grupo de professoras educamos quando: "dizemos não, quando brincamos; no banho, na roda de conversa, de história, de cantoria, na alimentação, trabalhamos regras e limites; na troca de afeto, nos gestos de carinho".

Ressaltaram como sendo papel do educador a importância da interação entre todos os personagens da ação educativa, e constataram que educa-se também quando há interação das crianças com os brinquedos e os diversos espaços escolares.

Dar voz e vez a essas professoras deste Centro de Educação Infantil possibilitou que, pudessem ao fazer uma análise comparativa entre seus depoimentos com as orientações curriculares (SMSP-2007) e (SMRJ-2010) acerca do PAPEL DO EDUCADOR de crianças de zero a três anos reconhecer-se como ensinantes, legitimando sua ação docente.

Maria Cristina Natel

Diretora Presidente ABPp- SP

INDICAÇÕES

Assisti e recomendo:

INTOCÁVEIS, de Oliver Nakache e Eric Toledano, um filme francês do gênero comédia dramática conta a história de um impensável, mas bem sucedido encontro de duas pessoas "aparentemente intocáveis".

Ignorância ajuda?

Nosso "mental" muitas vezes age como um sem-terra e invade o espaço, pensa que é dono, sem na verdade ser!

Pensar! Racionalizar! Teorizar!

Com o que eu realmente me conecto com o Outro?

Nesse filme, temos a oportunidade de assistir às formas não convencionais de aprender.

Aceitar o que é diferente.

Aprender com o que o outro **também** não sabe.

Psicoterapeuta que sou e por força do hábito, identifiquei nos personagens, dois homens carentes de cuidados de toda ordem e talvez, pelo quão insuportável fosse a situação em que ambos se encontravam, essas carências estavam disfarçadas, e travestidas em autoridade, poder e malandragem.

Precisavam um do outro e intuitivamente trocaram talentos (ensinaram).

Pularam a etapa do julgamento, talvez por necessidade, e mergulharam lentamente na humildade de contar um com o outro.

Eu recomendo esse filme que, para além da reflexão, nos lembra e nos mostra que a alegria e a aprendizagem podem brotar até nos terrenos mais áridos.

É só não desistir!

Priscila Turbiani

CRP- 06/21229-0

Psicóloga (adultos; casais)

Especialista em Psicologia do Envelhecimento pelo HC-USP

pri.psi@terra.com.br



Li e recomendo.

A Queda – As memórias de um pai em 424 passos, de Diogo Mainardi – Editora Record, Rio de Janeiro – São Paulo, 2012.

Trata-se do relato do percurso trilhado, após o autor Diogo Mainardi, como pai, receber a notícia de que o primeiro filho, Tito, tinha paralisia cerebral. A escolha pela narrativa concisa, entremeada de fatos históricos e personagens literários, retrata os sentimentos que envolveram este episódio na vida do casal. Passando pelos momentos de negação, da busca pelo diagnóstico e tratamento, ao registro do processo de

desenvolvimento de Tito; há a descoberta da disponibilidade de um pai para se dedicar integralmente, sustentado por uma afetividade incondicional. Recomendo a leitura para que entremos neste universo parental diante da notícia e constatação da dificuldade/impossibilidade de um filho. O psicopedagogo pode exercer sua capacidade de empatia e ampliar seu olhar psicopedagógico em contato com este relato.

Sandra Lia Nisterhofen Santilli

Diretora Vice-Presidente da ABPp SP

LIVROS

Recomendamos para sua biblioteca:

Excelentes livros para um suporte teórico para os psicopedagogos:



CAMPOS, Maria Célia Malta - *Atuação em Psicopedagogia Institucional*, Wak Editora, Rio de Janeiro, 2012



SANTOS, Marcos Pereira dos - *Dificuldades de aprendizagem na escola: um tratamento psicopedagógico*. Wak Editora, Rio de Janeiro, 2012



VIVIANE, Mirella D'Angelo - *Si Brinca* - Graphium Editora, São Paulo, 2001



WEISS, Maria Lucia Lemme e Alba Maria Lemes. *Vencendo as dificuldades de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2009.

DIRETORIA

Diretoria

Maria Cristina Natel – *diretora presidente*

Sandra Lia Nisterhofen Santilli – *diretora vice-presidente*

Tiago Cimino Carvalho – *diretor secretário*

Ester Monteiro - *diretora secretária adjunta*

Helena B. Silva– *diretora financeira*

Daniela Broá – *diretora financeira adjunta*

Ivanilda Moura Santos – *diretora cultural*

Sandra Casseri Rindeika – *diretora relações públicas*

Editora de Redação: **Sandra Lia Nisterhofen Santilli**

Conselho Editorial: **Maria Cristina Natel, Ivanilda Moura Santos**

Revisão: **Cristiano Ferreira Almeida**

Criação e Impressão – **KOSMOGRAF**

Tiragem: 500 exemplares

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**